

**CONFORME O DISPOSTO NA FICHA DE INSCRIÇÃO, EXPLICITE:**

- a) Área de inscrição: Ensino de Ciências Biológicas, Exatas, Sociais e Humanas
- b) Modalidade de pesquisa: Fenomenológica
- c) Trabalho a ser apresentado de acordo com:
  - Área (escreva a área): Ensino de Ciências Biológicas, Exatas, Sociais e Humanas
  - Tema/modalidade de pesquisa: Fenomenológica

**SOBRE O RIGOR E A CONSTITUIÇÃO DE VERDADES EM PESQUISAS  
DESENVOLVIDAS NA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICAS**

**Érica Czigel; Joel Gonçalves dos Santos; Romário da Costa Junior; Fabiane Mondini**

*Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Câmpus de Rio Claro.*

[erica.czigel@unesp.br](mailto:erica.czigel@unesp.br); [romario.junior@unesp.br](mailto:romario.junior@unesp.br); [joel.goncalves@unesp.br](mailto:joel.goncalves@unesp.br);  
[fabiane.mondini@unesp.br](mailto:fabiane.mondini@unesp.br)

**Resumo**

Este texto tem por objetivo apresentar estudos realizados no âmbito da pesquisa qualitativa desenvolvidos em uma perspectiva fenomenológica. Nesse sentido, discorrem-se compreensões acerca da abordagem fenomenológica em investigações situadas no domínio da Educação Matemática. Para tanto, descrevemos três pesquisas desenvolvidas segundo uma perspectiva fenomenológica no âmbito da Educação Matemática: uma situada na alçada de produções históricas; outra realizada em interconexão de espaços formativos, em que o ensino de matemática se dá nos espaços das classes hospitalares; e ainda, uma terceira, que se volta a compreender os entrelaçamentos entre afetividade e aprendizagem matemática a partir do que se revela no mundo-vida. Os contextos de pesquisa apresentados não esgotam o campo de visada que a abordagem, ora citada, pretende abranger.

**Palavras-chave:** Pesquisa Qualitativa. Fenomenologia. História. Classes Hospitalares.

**Abstract**

This article aims to present studies, within the scope of qualitative research, developed according to a phenomenological perspective. In this way, understanding about how we take the phenomenological approach in investigative productions located in the field of Mathematics Education is discussed. For this purpose, we describe three research projects developed from a phenomenological perspective in the field of Mathematics Education: one located in the realm of historical productions; another one developed in interconnection of formative spaces, in which the teaching of mathematics takes place in the hospital classrooms; and also, a third one, which focuses on understanding the intertwining between affectivity and mathematical learning from what is revealed in the life-world. The research contexts presented do not exhaust the field of view that this approach, now cited, is intended to cover.

**Keywords:** Qualitative research. Phenomenology. History. Hospital Classes.

**Introdução**

Na efetivação de pesquisas ditas quantitativas, onde os processos de investigação fazem transparecer suas análises baseadas em contagens, mensurações e esquemas estatísticos, subjazem duas importantes possibilidades, a de *Generalizar* e a de *Transferir*.

Os dois conceitos, segundo Bicudo (2011), são ações relacionadas a um raciocínio de inferência, onde o pesquisador, por meio da análise de dados de uma amostra (um subconjunto da população), generaliza os resultados para a população. Generalizar é, portanto, abstrair de um termo ou de uma proposição aquilo que é universal, aquilo que é natural a mais de um objeto<sup>1</sup>. Já o termo transferir, quando no contexto utilizado, diz da possibilidade de se desenvolver as ações de uma “pesquisa específica em outras situações com possibilidade de sucesso similares” (BICUDO, 2011, p.17).

Todavia, quando a região de inquérito apresenta nuances não matematizáveis, como é o caso das pesquisas em Ciências Humanas, podemos questionar até que ponto faz sentido alcançar generalidades e transferibilidades. “Mas o motivo disso se encontra exclusivamente no fato de os dados em que se poderia reconhecer as uniformidades nem sempre serem suficientes” (GADAMER, 2014, p.38). Faz-se necessário, nesses momentos, uma mudança de postura por parte do investigador.

Por sermos pesquisadores da área de Ensino, tendo como solo investigativo a Educação Matemática, trazemos neste texto, a exposição de um olhar para pesquisas qualitativas desenvolvidas em uma postura fenomenológica.

Ao assumir a abordagem qualitativa no âmbito da Educação Matemática,

Exploram-se as nuances dos modos de a qualidade mostrar-se e explicitam-se compreensões e interpretações. Sendo assim, os dados trabalhados não se permitem generalizar e transferir para outros contextos. Admitem-se apenas tecerem-se generalidades sustentadas por articulações efetuadas sucessivamente com os sentidos do que está sendo expresso (BICUDO, 2011, p.21).

Assim, no texto, descrevemos três trabalhos, desenvolvidos junto aos membros do grupo FEM (Fenomenologia em Educação Matemática) em que partimos de uma perspectiva fenomenológica para desenvolver pesquisas no âmbito da Educação Matemática: um situado na alçada de produções históricas; outro realizado em interconexão de espaços formativos, em

---

<sup>1</sup>Pesquisas tomadas numa perspectiva positivista usam o termo objeto por considerar que o objeto é sempre disjuncto do sujeito que o observa.

que o ensino de matemática se dá nos espaços das classes hospitalares; e ainda um terceiro, que se volta a compreender os entrelaçamentos entre afetividade e aprendizagem matemática a partir do que se revela no mundo-vida<sup>2</sup>. A partir da descrição das pesquisas, trazemos nossa reflexão acerca do “o que é isso, pesquisar fenomenologicamente em/na Educação Matemática?”

### **A abordagem fenomenológica como uma possibilidade metodológica ao método positivista**

Até por volta do século XIX o método positivista imperava no modo de fazer ciência. Neste método, os procedimentos de estudos têm como princípio teorias previamente comprovadas e, desse modo, toma-se o conhecimento como estruturado por interconexões, segundo um padrão da lógica de causa e consequência. Predominava a exatidão e a previsibilidade.

Em oposição aos métodos tradicionais surge com Edmund Husserl (1859-1938) a Fenomenologia, como outra forma de pensar, compreender e produzir conhecimento. Enquanto uma filosofia, continua a ser desenvolvida por Martin Heidegger (1889-1976), Merleau-Ponty (1908-1961), George Gadamer (1900-2002) e Paul Ricoeur (1913-2005) e tantos outros pensadores. “A fenomenologia se opõe de modo direto ao positivismo” (BICUDO, 1994, p.16). Bicudo (1994) nos diz que a diferença entre a fenomenologia e o positivismo não está no fato do pensar em si. Em ambos, tanto no pensar fenomenológico quanto no positivista há e está explícito o requerimento de rigor e a presença de concepções que dizem respeito ao entendimento e interpretação do mundo enquanto fenômeno, realidade, consciência, essência, verdade, experiência e etc. Mas é na ação de desvelar tais entendimentos e interpretações que a diferença máxima de um método para o outro reside (BICUDO, 1994, p.17).

De acordo com Bicudo (2012) na abordagem fenomenológica os dados obtidos numa investigação, não podem ser generalizados e nem transferidos de um contexto para outro, o que se expõe é sempre a compreensão do pesquisador. Isto porque no emaranhado das questões envolvendo as investigações estão conectados a temporalidade, a espacialidade e o sujeito,

---

<sup>2</sup> “É entendido como a espacialidade (modo de sermos no espaço) e a temporalidade (modo de ser no tempo) em que vivemos com os outros seres humanos e os demais seres vivos e a natureza, bem como com todas as explicações científicas, religiosas e de outras áreas de atividades e de conhecimento humano” (BICUDO, 2011, p.30).

singulares e significativos no processo investigativo. Os procedimentos empregados são inseparáveis do fenômeno que está sendo estudado e também do pesquisador, em outras palavras “não há uma separação entre o percebido e a percepção de quem percebe, uma vez que é exigida uma correlação de sintonia, entendida como doação, no sentido de exposição, entre ambos” (BICUDO, 2012, p.18).

Acerca do termo *Fenômeno* ele “vem da palavra grega *fainomenon* — que deriva do verbo *fainestai* — e significa o que se mostra, o que se manifesta, o que aparece. É o que se manifesta para uma consciência” (BICUDO, 1994, p.17). É daí que se concebe a ideia de se estar atento, de modo intencional<sup>3</sup>, ao que se mostra no ato de uma investigação. Intencional e de olho na interrogação da pesquisa, pois nossas intenções são geradas e fundamentadas por ela, e o movimento de ir e vir entre pesquisa/interrogação mostra a dependência a todo instante de uma clareza para o sujeito que interroga, do rigor e da insistência para se obter aquilo que é característico, básico e essencial do fenômeno.

Toda percepção é particular visto que se dá no entrecruzamento sujeito/fenômeno/percepção, inseparáveis. A realidade já não será mais tida como objetiva, mas se torna o que se compreendeu, o que se interpretou e que se descreveu do percebido. “É, portanto, perspectival, não havendo uma única realidade [a realidade], mas tantas quantas forem suas interpretações e comunicações” (BICUDO, 1994, p.18).

A percepção de um fenômeno só ocorre porque o sujeito o percebe. E sua compreensão se dá, quando, de modo intencional, este volta-se para ver o que se mostra e intencionalmente o interpreta. É um procedimento subjetivo, que não exclui o rigor.

### **A abordagem fenomenológica em pesquisas que tematizam o que nos é historicamente dado**

Entendemos que a história é muito mais do que aquilo que passou, ela é também o que se desdobra disto que chamamos passado. “O que tem história encontra-se inserido num devir. O seu desenvolvimento pode ser ora ascensão, ora queda. O que, desse modo, tem uma história pode, ao mesmo tempo, fazer história” (HEIDEGGER, 2005, p.184).

---

<sup>3</sup>“Intencionalidade, modo de ser intencional, é característico da consciência. A consciência é compreendida como movimento intencional, ao ir de modo atento em direção ao focado” (BICUDO, 2011, p.31).

Ao falarmos em história, estamos nos referimos “a um conjunto de acontecimentos e influências que atravessam passado, presente e futuro. É o que se move ‘no tempo’. São as transformações dos destinos dos homens, dos grupos humanos e de suas culturas” (HEIDEGGER, 2005, p.184). Para iniciar o estudo de qualquer fenômeno é preciso também conhecer os contextos sócio-histórico e político em que ele ocorreu. Transparece aqui o cunho hermenêutico da pesquisa. Todavia, há muitas maneiras de se iniciar uma investigação histórica. Seguindo as indicações de Edmund Husserl (1859-1938), descritas no texto “*Sobre história e historicidade em Edmund Husserl*” (BICUDO, 2016). Em uma pesquisa histórica admitimos um processo em retrospectiva, onde todo o arcabouço da pesquisa se dá por meio de ideias nucleares elencadas no âmbito da ciência em foco. As concepções de história e historicidade, os aspectos metodológicos e o posicionamento fenomenológico por parte do investigador devem estar conectados a essas questões.

É como se estivéssemos olhando-a e nos locomovendo em sua superfície, aquela do momento do “agora” em que olhamos interrogadoramente para isso que nos é dado. Assumindo a postura de inquirir intencionalmente, locomovemo-nos para o mais profundo, ou seja, para um agora que se afasta deste, e vamos desnudando camadas de atos sensoriais, psicológicos e espirituais que vieram constituindo esta ciência, tal como nos é dada no presente (BICUDO, 2016, p.37).

Quando Husserl cita a palavra “presente” em sua fala é aquele próprio do “mundo-vida<sup>4</sup>” no qual vivemos. Nosso mundo-vida contém o nosso passado, bem como um projeto do futuro. É onde identificamos a possibilidade de investigação, na qual podemos estudar tanto o passado quanto o futuro: “Isso significa que nos locomovemos em um horizonte histórico e que, entretanto, podemos, intencionalmente, investigar sua estrutura essencial de modo metódico” (BICUDO, 2016, p.37-38).

Para Husserl, tanto linguagem quanto intropatia<sup>5</sup> são tópicos nucleares à comunicação entre sujeitos. São nucleares para com a condução e a manutenção do que se constitui a tradição, assim, quando se põe a linguagem em suspensão, obtemos, tanto na intropatia, quanto na linguagem, material para a investigação daquilo que constitui os atos originais.

---

<sup>4</sup>É entendido como a espacialidade (modo de ser no espaço) e a temporalidade (modo de ser no tempo) em que vivemos com os demais seres humanos, seres vivos, com a natureza e de modo geral com as áreas de atividades e de conhecimentos humanos (BICUDO, 2011).

<sup>5</sup>A intropatia é o conhecimento do outro que se desenvolve nas vivências em que o outro é dado (BICUDO, 2016, p.39-40).



Não podemos proceder à investigação histórica a partir do presente, sem que nos detenhamos nos sentidos e nos significados dos signos, das palavras orais e escritas, da voz [...] e da visão de mundo, usos e costumes que tecem fios, unindo sujeitos em uma comunidade que se mantém e renova em sua historicidade (BICUDO, 2016, p.39).

Já dissemos da intencionalidade do pesquisador que se conecta à interrogação da pesquisa, agora, além deste fato, expomos que mediante a linguagem, em sua forma escrita, e a partir de uma intenção consciente, há a possibilidade de se chegar às evidências primeiras de um fato histórico, e semelhantemente é possível enxergar claramente os encadeamentos que se seguem a partir das premissas.

Desse modo, parece que, começando com as auto-evidências primeiras, a genuinidade original se propaga através da cadeia de inferência lógica, não importa quão longa ela seja. Ela transcende a finitude individual e mesmo cultural e social, pois traz consigo a remoção de limites de nossa capacidade, indo em direção a um encadeamento infinito. Nisso está a idealização permitida pela lógica e, portanto, também pela linguagem. Aí se encontra a base do procedimento histórico que retroativamente interroga pela origem (BICUDO, 2016, p.41).

Dessa maneira, ao se percorrer retroativamente a cadeia lógica da linguagem proposicional, “orientados por uma interrogação que, intencionalmente posta, conduz a investigação, desvelando ideias originais, bem como a constituição de idealizações, podemos efetuar uma pesquisa histórica” (BICUDO, 2016, p.43). Ressaltamos que as compreensões são os frutos de nosso pensar reflexivo, proveniente do esforço hermenêutico que realizamos.

### **A abordagem fenomenológica em pesquisas que tematizam contextos educacionais: um olhar a partir da aprendizagem matemática em classes hospitalares**

Toda pesquisa na perspectiva fenomenológica é uma pesquisa sobre “o sentido que o mundo faz para nós” (BICUDO, 2016, p.47). A todo instante buscamos compreender os modos de aparição e percepção dos fenômenos que nos chegam nos atos de uma investigação. Para Mondini e Bicudo (2019, p.3), “o fenômeno se mostra para quem o interroga e insiste em compreendê-lo para além do momento presente da percepção e de opiniões imediatas, ficando atento ao rigor dos avanços que, em suas investigações, realiza”.

Nessa perspectiva, essa descrição apresenta uma investigação ainda em curso, cujo objetivo é compreender a presença da Educação Matemática no contexto das classes hospitalares.

Para uma breve contextualização, as classes hospitalares constituem, uma modalidade de ensino voltada a alunos que estão impossibilitados de frequentar a escola regular por algum motivo de saúde. Segundo o MEC,

denomina-se classe hospitalar o atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental (BRASIL, 2002, p.13).

Historicamente, tem-se indícios da primeira classe hospitalar no Brasil na década de 50, a *Classe Hospitalar Jesus do Hospital Municipal Jesus*, no Rio de Janeiro (FONTES, 2008).

Mesmo vivenciando enfermidades e impossibilitados de frequentar a escola regular, crianças e adolescentes, respaldados pela legislação brasileira, têm o direito de acompanhar o currículo escolar durante o período de tratamento. Enquanto política pública, e no Brasil, o atendimento pedagógico em ambientes hospitalares ou domiciliares é previsto na Constituição Federal (BRASIL, 1988), que resguarda a educação como direito de todos.

De acordo com Teixeira *et. al* (2017), as classes hospitalares são organizadas nacionalmente, tomando como referência a Resolução CNE/CEB 02/2001 (BRASIL, 2001), que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica<sup>6</sup>, e o documento denominado por “Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações” (BRASIL, 2002), que orienta o planejamento de ações voltada ao atendimento educacional considerando os educandos em tratamento de saúde. Assim, optamos por executar a pesquisa nos guiando pela perspectiva fenomenológica.

A escolha justifica-se pelo fato de que a fenomenologia busca, no rigor de seus procedimentos, interrogar o que se faz presente ao olhar atento do pesquisador. É nesse sentido, que o fenômeno não se fecha em uma definição prévia ou ao que é previamente dado como verdade, em teorias ou métodos predeterminados, a realidade “é o compreendido, o interpretado e o comunicado” (BICUDO, 1994, p.18).

Ainda, de acordo com Bicudo (2000) o rigor presente na investigação fenomenológica, ocorre em cada momento em que se interroga o fenômeno e para isso são elucidados dois momentos:

---

<sup>6</sup>A Educação Básica Brasileira compreende o Ensino Infantil, Ensino Fundamental (anos iniciais e anos finais) e o Ensino Médio.

“*epoché*, quando põe o fenômeno em suspensão, destacando-o dos demais co-presentes ao campo perceptual do pesquisador, e *redução*<sup>7</sup>, quando descreve o visto, seleciona as partes da descrição consideradas essenciais ao fenômeno” (BICUDO, 1994, p.20).

Dessa maneira, compreendemos que versar o tema fenomenologicamente, significa que pretendemos compreender as Classes Hospitalares, assim definida por documentos legislativos, restringindo nosso olhar sob a área da Matemática, na sua trajetória histórica e como se dá sua organização ao longo dos anos, começando nossa reflexão em torno de como a Matemática presente nas classes hospitalares se mostra para nós em textos que tratam sobre o tema, como esta, se encontra nos documentos legais que regem sobre a temática; e particularidades em relação ao processo de ensino e de aprendizagem dentro desse âmbito.

### **A abordagem fenomenológica para compreender uma pesquisa sobre como a afetividade se mostra no processo de aprendizagem matemática**

A pesquisa qualitativa, quando guiada pela abordagem fenomenológica, nos possibilita

[...] um modo de proceder que permite colocar em relevo o sujeito do processo, não olhado de modo isolado, mas contextualizado social e culturalmente; mais do que isso e principalmente, de trabalhar concebendo-o como já sendo sempre junto ao mundo e, portanto, aos outros e aos respectivos utensílios dispostos na circunvizinhança existencial, constituindo-se, ao outro e ao mundo em sua historicidade. (BICUDO, 2012, p.17).

Visto que a fenomenologia “não traz consigo a imposição de uma verdade teórica ou ideológica preestabelecida, mas trabalha no real vivido” (BICUDO, 1999, p.12-13), buscamos compreender o entrelaçamento e a importância da afetividade nos processos de ensino e de aprendizagem da matemática. Guiados pelo questionamento “*Como a afetividade se mostra no processo de aprendizagem matemática?*”, respaldado pela fenomenologia, desenvolvemos esta pesquisa qualitativa.

Para compreender o conceito de afetividade, partimos do que compreendemos como vida e como esta se apresenta como solo para a afetividade. Assim, segundo Henry (2010, p.6), a vida

[...] não é somente e apenas um sentir, o sentir de tudo o que sentimos, mas antes “sentir-se a si mesmo”, nessa imediação absoluta e patética, tal como esse medo por exemplo, e que faz com que tudo o que assim se experienciar seja habitado pela certeza de ser, seja vivo. Então viver quer dizer provar-se (PRASERES, 2015, p.18).

<sup>7</sup>“Redução fenomenológica é o movimento que se inicia com a interrogação e que vai avançando na direção de revelar o percebido” (MARTINS; BICUDO, 1989, p.47).



Desta forma, não é possível conceitualizar a vida com uma única definição. Compreendemos que ela apresenta-se como o ato de experienciar o mundo e, principalmente, a si mesmo, ou seja, “a vida se vive a si mesma, se prova nessa interioridade imediata de si” (PRASERES, 2015, p.19).

Por compreender a Fenomenologia como

[...]um modo de proceder que permite colocar em relevo o sujeito do processo, não olhado de modo isolado, mas contextualizado social e culturalmente; mais do que isso e principalmente, de trabalhar concebendo-o como já sendo sempre junto ao mundo e, portanto, aos outros e aos respectivos utensílios dispostos na circunvizinhança existencial, constituindo-se, ao outro e ao mundo em sua historicidade (BICUDO, 2012, p.17).

Assim, o modo de proceder fenomenológico, pautado na filosofia husserliana, caracteriza-se como um constante voltar-se às coisas mesmas, no sentido de que toda a produção de conhecimento deveria ser pautada nas percepções primeiras ou no sentido original nascido na experiência vivida (MONDINI; PAULO; MOCROSKY, 2018).

A percepção, tal qual é compreendida pela fenomenologia, não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é assumido como um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas (MERLEAU-PONTY, 2006, p.6).

A verdade não “habita” apenas o "homem interior", ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, e é no mundo que ele se conhece (MERLEAU-PONTY, 2006, p.6). Nessa postura, podemos afirmar que o mundo e tudo o que há nele faz sentido para o sujeito que o percebe, com todos os seus sentidos, bem como “com toda a sua historicidade enquanto convive com outros sujeitos” (MONDINI; PAULO; MOCROSKY, 2018).

### **Considerações finais**

Ao assumir uma postura fenomenológica, buscamos compreender a Educação Matemática em toda a sua complexidade e refletir sobre os modos como ela se mostra a nós pesquisadores, quando nos voltamos intencionalmente a este campo de investigação. De acordo com Bicudo

(2016, p. 27), “a fenomenologia entende que o ser humano é corpo vivente”, e esse corpo carrega consigo um ato intencional que o faz estar sempre em movimento na direção de algo. Enquanto filosofia, a Fenomenologia possibilita compreender o homem não “como um mero corpo ou espírito, mas [...] enquanto uma totalidade, valorizando o corpo, a inteligência, a imaginação, a emoção, o desejo, enfim, todas as dimensões de sua existência.” (COÊLHO, 1999, p.88). Quando a Educação é compreendida a partir de uma perspectiva fenomenológica, considera-se o âmbito educacional em toda a sua complexidade o que se reflete sobre os modos como cada um “age e sente de acordo com as nuances do seu sentir e como cada um vê o mundo a partir de sua própria experiência e de sua cultura” (BICUDO, 1999, p.48).

#### A Fenomenologia

trabalha no real vivido, buscando a compreensão disso que somos e que fazemos – cada um de nós e todos em conjunto. Buscando o sentido e o significado mundano das teorias e das ideologias e das expressões culturais e históricas (BICUDO, 1999, p.12-13).

Exige, portanto, atos de refletir sempre efetivados pelos sujeitos que realizam a atividade nas dimensões temporal e cultural em que elas significam e fazem sentido. A educação torna-se um pro-jeto<sup>8</sup> e o estudante é considerado como um “ser de possibilidades”.

Quando declaramos “olhar o fenômeno”, não quer dizer que o que é visto acontece de forma isolada, não estamos sós no mundo e existem outros sujeitos que também estão a perceber e compartilhar o vivido, formando, assim, o que entendemos por intersubjetividade, que é a comunicação do compreendido. E é no consentimento presente na intersubjetividade que chegamos à ideia de verdade concebida pela fenomenologia como: não subjetiva, não objetiva e não relativa.

#### REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Edição revista e ampliada. 2007.

BICUDO, M. A. V. Sobre a fenomenologia. In: BICUDO, M. A. V.; ESPÓSITO, V. H. C. **Pesquisa qualitativa em educação**. Piracicaba: UNIMEP, 1994. Cap. 1, p.15-22.

---

<sup>8</sup>Em geral, diz da “antecipação de possibilidades: qualquer previsão, predição, predisposição, plano, ordenação, predeterminação, etc., bem como o modo de ser ou de agir próprio de quem recorre a possibilidades” (ABBAGNANO, 2007, p.800).

- BICUDO, M. A. V. A contribuição da fenomenologia à educação. In: BICUDO, M. A.V.; CAPPELLETTI, I. F. **Fenomenologia: uma visão abrangente da Educação**. 1ª Edição. São Paulo: Olho d'Água, 1999, v.1, p.11-55.
- BICUDO, M. A. V. A pesquisa qualitativa olhada para além dos seus procedimentos. In: BICUDO, M. A. V (Org.). **Pesquisa qualitativa: segundo a visão fenomenológica**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p.11-28.
- BICUDO, M. A. V. Aspectos da pesquisa qualitativa efetuada em uma abordagem fenomenológica. In: BICUDO, M. A. V (Org.). **Pesquisa qualitativa: segundo a visão fenomenológica**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 29-40.
- BICUDO, M. A. V. A pesquisa em educação matemática: a prevalência da abordagem qualitativa. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, Ponta Grossa, v. 5, n. 2, p.15-26, mai.-ago. 2012.
- BICUDO, M. A. V. Sobre história e historicidade em Edmund Husserl. **Cadernos da EMARF**, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.21-48, 2016.
- BICUDO, M. A. V. Filosofia, fenomenologia, psicologia e ciências: temas importantes para estudiosos da educação matemática. In: BICUDO, M. A. V.; ANTÚNEZ, A. E. A. (Org.). **Fenomenologia, psicopatologia e neurociências: e a consciência?** Seminários com Angela Ales Bello na Universidade de São Paulo. 1ed. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2016, v. 1, p.18-30.
- BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 35. Brasília, 1988.
- BRASIL. Resolução CNE/CEB n.º 2, de 11 de setembro de 2001. Estabelece as **Diretrizes Nacionais de Educação Especial**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília - DF.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília, 2002. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>>. Acesso em: 27 de abr. 2021.
- COÊLHO, I. M. Fenomenologia e Educação. In: BICUDO, M. A.V.; CAPPELLETTI, I. F. **Fenomenologia: uma visão abrangente da Educação**. 1ª Edição. São Paulo: Olho d'Água, 1999, v.1, p.53-104.

GADAMER, H.G. **Verdade e método I: complementos e índice**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **Pesquisa qualitativa em Psicologia: Fundamentos e Recursos Básicos**. Sociedade de Estudos e Pesquisas Qualitativas. São Paulo: Ed. Moraes, 1989. 110p.

MONDINI, F.; BICUDO, M. A. V. Uma interpretação analítica da organização escolar da Matemática durante a Primeira República Brasileira. **ZETETIKE (UNICAMP)**, v. 27, p.1-25, 2019.

MONDINI, F.; PAULO, R. M.; MOCROSKY, L. F. As contribuições da fenomenologia à Educação. In: Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, 5., 2018, Foz do Iguaçu. **Anais...** 2018. p.1-08.

PRASERES, J. S. **Fenomenologia da Afetividade: Um Estudo a partir de Michel Henry**. 2015. 75 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

TEIXEIRA, G. R. A. Classe Hospitalar: percepções sobre o ensino de Matemática no contexto hospitalar. **Signos**, Lajeado, ano 38, n. 2, p.111-130, 2017. Disponível em: <<http://www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/1595>>. Acesso em: 29 abr. 2021.